Momento de leitura, reflexão e produção escrita:

Escolha com a sua turma uma dessas notícias para ser lida de forma resumida pelo educador. Formem pequenos grupos e escrevam um texto em forma de notícia sobre a sua comunidade. Pode ser algum fato positivo ou uma denúncia. No final da atividade a turma vai escolher a notícia que achar mais interessante para divulgar em redes sociais.

O encontro de Economia Solidária continuou com uma Roda de Conversa. Todos se apresentaram e falaram um pouco dos seus lugares de origem. Da cidade do evento estavam presentes a visitante Luiza e o jovem Carlos da cooperativa de recicladores. Outros participantes vinham do interior e de outros estados.

A Roda de Conversa era sobre Cidadania dos Povos e Comunidades Tradicionais. Um dos animadores afirmou: “Somos cidadãos diferentes, mas com desafios semelhantes”. Quem estava do lado provocou: “E você sabe o que é ser cidadão?” A resposta veio rápida: “Claro! É ter direitos e deveres perante a sociedade”. A resposta provocou sorrisos em algumas pessoas. Um senhor de cabelo todo branco se levantou e disse: “Meu filho, eu já sou um velho e até hoje só nos cobram os deveres para com a sociedade: devemos trabalhar muito e minhas mãos já viraram um calo só, devemos pagar os impostos, devemos votar e sempre nos prometem que um dia as coisas vão melhorar. Por isso eu digo: agora, nosso principal dever é lutar pelos nossos direitos, que há séculos estão sendo desrespeitados!” Muitos concordaram com ele e aplaudiram.

A jovem indígena Maiara continuou a conversa: “Eu li em um livro que essa história de Cidadania veio da Europa, eram os direitos de quem vivia nas cidades. Mas nossa cidadania vem de muito antes, dos nossos pais, avós e de toda nossa ancestralidade. Os povos originários estavam aqui há milhares de anos, como os povos africanos, que estavam lá vivendo em suas comunidades, quando foram arrancados e trazidos para cá. Herdamos dos nossos ancestrais não só a história, a cultura e a força, mas também a responsabilidade de preservar tudo isso e fazer valer a nossa voz.”

E Maiara continuou: “Por isso é fundamental entendermos que temos nossos direitos e devemos lutar por eles. A Constituição nos garante o direito às nossas terras e à preservação de nossa cultura. Mas agora estão falando de um tal ‘marco temporal’ para dizer que quem foi retirado das terras ancestrais e não conseguiu voltar até 1988 não tem mais o direito de reivindicar nada. Esquecem que o nosso marco temporal deveria ser o dia 22 de abril de 1500. Depois dessa data os povos originários foram sendo expulsos das suas terras e muitos morreram de doenças ou foram mortos por defenderem seus direitos.”

Carlos perguntou: “E como a posse da terra está ligada à preservação da cultura de vocês?” A resposta de Maiara foi rápida: “ A gente não trata a terra como uma posse, nos achando donos dela. A terra é nossa Mãe. Como você cuidaria da sua mãe? Tirando tudo que ela tem? Claro que não! É ela que nos alimenta, nos dá vida e é dela que vem nossa cultura, nossos ritos sagrados e nosso modo de vida.”

Tirinha “Nossa terra”, por Armandinho, publicada no livro Armandinho Cinco, página 60, 2015, Florianópolis/SC, edição do autor.

Momento de reflexão e debate:

Como está a luta pela terra e pela moradia na sua comunidade? Como o turismo cultural pode ajudar nessa luta?

A discussão na Roda de Conversa se aprofundou sobre a importância de fazer valer pelo menos os direitos sociais garantidos pela Constituição Federal de 1988. “O documento fala sobre direitos como educação, saúde, trabalho e lazer”, destacou um dos coordenadores. “É importante que conheçamos esses direitos para podermos reivindicá-los e exigir que eles saiam do papel.”

Jamila fez uma fala que levou todos refletirem. “Depois de tanto tempo, mesmo sendo lei, ainda enfrentamos o desrespeito com nossos povos tendo nossos direitos questionados, nossas terras roubadas, nossos costumes invisibilizados, nossas lideranças mortas...precisamos recorrer o tempo todo à Constituição Federal e a justiça nem sempre nos dá razão. Por isso que receber turistas nas comunidades é importante. Eles vão ouvir da nossa boca sobre as nossas lutas, desafios e conquistas.”